

# Cadernos ASLEGIS

ISSN 1677-9010 / [www.aslegis.org.br](http://www.aslegis.org.br)

## **Luiz Humberto Cavalcante Veiga**

Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados da ÁREA VII – Sistema Financeiro, Direito Comercial, Econômico, Defesa do Consumidor – atua há mais de vinte anos no mercado financeiro. Trabalhou no setor privado e no Banco Central. Doutor em economia pela Universidade de Brasília, é autor dos livros *O que as mulheres querem saber sobre finanças pessoais* (Thesaurus), e *Tranquilidade Financeira – Saiba como investir no seu futuro* (Saraiva) e comenta sobre investimentos, crédito, educação financeira e economia em seu blog ([www.betoveiga.com](http://www.betoveiga.com)). Faz palestras sobre estes temas no Brasil e no exterior e é entrevistado e citado com frequência na televisão, no rádio e na imprensa escrita.

## **As mulheres e as finanças pessoais**

## Resumo

---

A participação das mulheres só faz crescer em todas as áreas, aliás, elas já são a maior parte da população brasileira, decorrendo daí a importância de lidar com um aspecto inerente à economia de mercado: finanças pessoais, tema que já começou a fazer parte da agenda feminina.

## Palavras-Chave

---

Finanças pessoais, investimentos, poupança, previdência privada, consumo, mulheres.

## Abstract

---

*The participation of women in all professional fields has been growing continuously. In fact, they are the bigger segment of Brazilian population. Hence the growing importance for them of having to deal with a inherent aspect of market economies: personal finance, a subject that is becoming part of women agenda.*

## Keywords

---

*Personal finance, investments, savings, consumption, women.*

Cuidar das finanças pessoais é fundamental para garantir uma das maiores conquistas das mulheres: sua própria independência. Mas o que estava faltando? Uma pesquisa da BM&FBovespa indicou que a comunicação das instituições financeiras com o público feminino era ineficiente. Muitas vezes a linguagem utilizada não era suficientemente clara para que as mulheres, novatas no mundo das finanças, entendessem o significado da mensagem. Sanar este problema foi o foco principal quando escrevi *O que as mulheres querem saber sobre finanças pessoais*. A meta foi explicar os conceitos financeiros de uma maneira tão clara e didática que o conteúdo do livro pudesse ser absorvido integralmente.

Minha preocupação com o texto estava diretamente ligada ao resultado esperado: trazer autonomia às mulheres que nunca tiveram contato com aplicações financeiras um pouco mais “sofisticadas” (classifico assim qualquer coisa diferente da caderneta de poupança).

Há muito, a atitude de investir vem sendo confundida, no universo masculino, com especulação ou com fórmulas fáceis de enriquecimento. As mulheres, por outro lado, tratam do assunto, na esmagadora maioria das vezes, com mais prudência. Aquela figura caricaturada da jovem e desamparada viúva rica sendo assediada por banqueiros falidos ou por espertalhões querendo vender empresas que são verdadeiros micos, muito comum nas telas do século passado, não cabe nas produções atuais. Em termos de negócios, sempre entendi que não há diferença de gênero. Dessa forma, podemos estender esta visão para o mundo das finanças. Um estudo muito interessante sobre as diferenças entre homens e mulheres nas finanças é um artigo de Janette Rutterford, coautora do livro *Women and Wealth: an international comparison from the 18th to the 20th century* (algo como: Mulheres e Riqueza: uma comparação internacional do século XVIII ao século XX). A pesquisadora inglesa procura respostas em comportamentos de três séculos atrás para se contrapor aos vários estudos realizados anteriormente sobre a diferença de gênero nos investimentos, estudos estes que têm como foco o passado recente e o mercado norte-americano. Na realidade, ela cita um outro trabalho que explica esse comportamento mais “conservador” das mulheres da metade do século XIX. A ideia era a seguinte: os homens mais jovens aventuravam-se nos negócios mais arriscados, enquanto a mulher investiria os recursos em opções mais conservadoras com o objetivo de manter-se e aos filhos, além de dar apoio financeiro aos familiares que fracassassem em suas empreitadas. Este estudo nos informa que ser conservadora não é o comportamento intrínseco da mulher, mas sim o seu papel numa “gestão de riscos familiar”. O curioso é que ainda estamos, mais de 150 anos depois, com alguns resquícios desse acordo tácito, mas isso está mudando, e é aí que entra o livro para ajudar nesse processo.

Adicionalmente, a cultura anglo-saxã proibia as mulheres, até meados do século XIX, de manter propriedades em seu nome. Não podiam sequer assinar contratos, ainda que, algumas delas empreendessem em nomes de terceiros. Aqui no Brasil, somente com o Código Eleitoral Provisório, de 24 de fevereiro de 1932, as mulheres adquiriram o direito ao voto se fossem viúvas e solteiras com renda própria, ou tivessem autorização do marido, quando casadas.

A grata surpresa que tive, quando da elaboração do livro, foi ver que, de fato, a preocupação com investimentos passava a tomar um espaço relevante na agenda financeira das mulheres, contrapondo-se ao imaginário popular de que elas seriam “gastadoras” por natureza. Como a obra resultou da resposta às perguntas femininas, diria que algo em torno de 70% dos questionamentos girou em torno da forma como melhor aplicar o dinheiro.

Basicamente todo o espectro de opções de investimentos foi coberto pelas perguntas, que tiveram foco maior na negociação com ações.

Mas as mulheres estão mudando o comportamento com relação aos investimentos? Certamente. Uma pesquisa da BM&FBovespa, denominada “Mulheres em Ação” revela que quanto mais jovem e mais rica, mais ela investe. Por outro lado, mais da metade das mulheres da classe “C” realizam algum tipo de investimento. Mas, o que isso demonstra? As investidoras mais jovens estão lidando melhor com os investimentos assim como lidam com os computadores e outros aparelhos eletrônicos. A geração anterior não tem tanto interesse em aprender a utilizar a máquina, assim como não querem quebrar a cabeça com o mercado financeiro, coisa que as mais jovens estão dispostas a fazer. Isto é reflexo também de uma mudança nas relações sociais, como falei.

Em razão dessa mudança no comportamento, ainda se verifica uma preponderância da Poupança, conforme pesquisa realizada pelo instituto Quorum Brasil. No meio de campo se aglomeram a previdência privada, os imóveis e os fundos de investimento. As ações são ainda uma opção muito pouco utilizada, apesar do crescimento considerável no número de aplicações de pessoas físicas do sexo feminino.

Sobre o mercado acionário, em 2002, eram 15 mil mulheres investidoras em ações, representando percentual de 17% das pessoas físicas. Em fevereiro de 2009, conforme dados da BM&FBovespa, elas já chegavam a 124 mil, num percentual de mais de 23%. Vemos que, comparativamente ao número de homens, as mulheres ainda representam pouco mais de um quinto dos investidores no mercado acionário, mas estão crescendo num ritmo bem forte. É de se esperar que toda essa evolução derive, em grande parte, do desempenho que o mercado acionário apresentou anteriormente à crise. Tal desempenho, associado

à mudança de comportamento feminino, que venho comentando até aqui, me levam a crer que a participação das mulheres tem muito espaço para crescer na bolsa de valores.

Do ponto de vista prático, todavia, a opção pela Poupança é uma estratégia interessante no momento, tendo em conta vantagens como a isenção de impostos e o fato de que os rendimentos das outras opções conservadoras estão baixos. Associam-se a isso, as altas taxas de administração cobradas pelos bancos em outras modalidades de investimentos, como os fundos e planos de previdência, que podem “comer” até um terço do rendimento bruto destas aplicações. O Tesouro Direto, modalidade recente, porém um pouco mais trabalhosa, também apresenta uma grande atratividade, desde que seja escolhido o título público correto para investir, de acordo com o objetivo pessoal.

Por outro lado, há um fato demonstrando que muito ainda precisa ser feito no sentido de que as mulheres se tornem mais autônomas com relação à administração do dinheiro que excede suas despesas. A decisão pela aplicação em Poupança não resulta de uma avaliação analítica das opções disponíveis. Na escolha por este produto financeiro, a justificativa apresentada por elas para investir reside no fato ser (a Poupança) bastante simples e, do ponto de vista delas, mais segura.

Finalmente vem a questão da previdência privada que está cada vez mais atraindo as atenção das mulheres. Nesse caso, diferentemente da Poupança, a complexidade dos produtos de previdência acaba trazendo riscos adicionais, principalmente no que se refere aos custos e volume de recursos a ser aplicados.

Quando se opta por um plano de previdência privada, é preciso estar ciente de todos os retornos e custos envolvidos. Ademais, deve ser feita uma correta (dentro das possibilidades de previsão disponíveis) estimativa de quanto será necessário para garantir o futuro que se deseja.

Antes de qualquer coisa, é preciso avaliar qual será a necessidade financeira e quais os melhores caminhos para atingir a estabilidade procurada. Nessa hora, o poupador deve tentar obter o máximo de informação possível, elaborar um orçamento detalhado e um levantamento minucioso do quanto será sua renda no futuro. Antes de assinar qualquer contrato de plano de previdência, é imperativo procurar informações de diversos fornecedores desse produto financeiro, analisando custos e vantagens e desvantagens, comparativamente a opções tradicionais de investimento.

Insisto que devemos ter ciência de que o mercado de ações não é, necessariamente, uma resposta mágica para obter resultados espetaculares. Nos países desenvolvidos, por exemplo, o retorno médio das ações é de 4% acima da inflação,

muito abaixo do que irão “prometer” em simulações de planos de aposentadoria. Os investidores devem ficar atentos para o fato de que, no médio prazo, o mercado brasileiro também estará mais estável e que a remuneração tenderá a ser mais comportada (menor).

Em suma, dado que a participação das mulheres só faz crescer em todas as áreas, e que elas já são a maior parte da população brasileira, decorre daí a importância de lidar com um aspecto inerente à economia de mercado: finanças pessoais. Tenho certeza de que este tema já começou a fazer parte da agenda feminina e que, em breve, como as demais conquistas já obtidas, não será merecedor de tratamento diferenciado com relação a gênero.